

O que é recuperação cíclica e até onde ela pode nos levar?

A elevada ociosidade da economia indica que o País poderá crescer sem pressões inflacionárias. Porém, para continuar avançando serão necessárias mudanças estruturais.

Atividade industrial gaúcha caiu 0,2% em outubro

Nos últimos meses, a atividade estabilizou, interrompendo a alta volatilidade da recuperação em curso.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

O que é recuperação cíclica e até onde ela pode nos levar?

A elevada ociosidade da economia indica que o País poderá crescer sem pressões inflacionárias. Porém, para continuar avançando serão necessárias mudanças estruturais.

Após um período longo de recessão, diversos fatores começam a influenciar para que a atividade econômica volte a acelerar, entre eles: o menor endividamento das empresas e famílias, o elevado grau de ociosidade das plantas fabris, a diminuição do preço dos ativos reais e a obsolescência tecnológica nas empresas, o que traz a necessidade de investimentos de manutenção e atualização. Esse processo natural de esgotamento do ciclo recessivo se soma à baixa inflação e a queda nas taxas de juros para criar o ambiente para a recuperação cíclica da economia.

Esse grau de ociosidade da economia se reflete na abertura do hiato do produto, que é a diferença entre o PIB corrente e o potencial, e ajuda a avaliar o grau de ociosidade da economia ou o quanto a demanda agregada está abaixo da oferta agregada. Dessa forma, o PIB potencial é uma medida de quanto a economia pode crescer sem gerar pressões inflacionárias. O Gráfico mostra essas três variáveis, sendo que apenas o PIB é uma variável observável, as demais são estimadas através de métodos econométricos.

No terceiro trimestre de 2016 foi quando ocorreu o maior grau de abertura do hiato do produto. Após esse período, o crescimento da economia voltou, mas o potencial continuou encolhendo até o terceiro trimestre de 2017, o que resultou no fechamento mais forte do hiato nesse período. A partir do final de 2017, o produto potencial voltou a crescer, de modo que o ritmo de fechamento do hiato desacelerou.

Destacamos que esse fenômeno de queda no potencial de crescimento é algo possível de acontecer. Depois da crise de 2008, foram realizados estudos para diversas economias mostrando que após uma recessão severa é possível que parte do potencial de crescimento seja destruído. Isso decorre da desinstalação (fechamento) de muitas plantas, do desemprego, da falta de investimentos e de recursos para P&D.

No período recente observa-se um crescimento muito baixo do PIB potencial, 0,1% ao trimestre. Acreditamos que na medida que a economia volte a crescer mais aceleradamente, o potencial também voltará a avançar. Caso ocorra, esse movimento de crescimento do PIB e do PIB Potencial ajudará a retardar o fechamento do hiato do produto.

Desse modo, um grande desafio é projetar qual a taxa de crescimento do PIB potencial ao longo dos próximos períodos. No exercício mostrado no Gráfico, optamos por adotar uma hipótese conservadora e supor que o PIB potencial crescerá, em média, 1,6% ao ano até o final de 2020. Essa taxa de crescimento é inferior à média de 2,5% registrada entre 1994 e 2018. O resultado dessa estimativa mostra que ao final de 2020

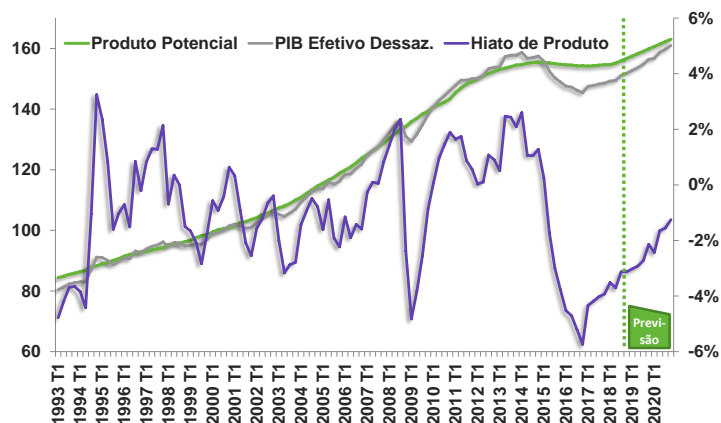
ainda não teríamos o completo fechamento do hiato do produto. Essas estimativas mostram que até 2020 seria possível crescer sem pressões inflacionárias.

A expectativa é de que 2019 seja um ano mais típico em termos de atividade, e que os governos consigam realizar medidas que comecem a endereçar os desequilíbrios fiscais, as quais ajudarão na redução da incerteza. Assim, podemos destacar os principais motores para que o crescimento no próximo ano seja maior do que em 2018, são eles: o aumento da confiança, a desalavancagem dos agentes econômicos, o impulso de crédito proporcionado pelos juros mais baixos, a retomada da atividade, a inflação baixa, a elevada ociosidade nas firmas e no mercado de trabalho.

Por outro lado, quando analisamos períodos mais longos, a capacidade de crescimento da economia brasileira estará diretamente ligada à realização das reformas microeconômicas que visam a maior produtividade, melhores índices de educação, ambiente de negócios mais amigável, diminuição da burocracia, etc. Todas essas reformas resultarão num aumento da competitividade da economia brasileira. Essa melhora sistêmica impulsionará a economia pelo lado da oferta, resultando numa aceleração do PIB potencial.

Caso o Brasil atrase a realização das reformas necessárias para melhorar a competitividade e dar sustentabilidade para as contas públicas, o avanço do PIB potencial será menor, ou voltará a estagnar, o que significa que o fechamento do hiato será mais rápido, resultando num período mais curto de crescimento sem pressões inflacionárias. Portanto, a extensão e magnitude do ciclo econômico serão determinadas pela política e pela capacidade dos governos endereçarem os desequilíbrios fiscais e realizarem a modernização do nosso arcabouço institucional visando à maior competitividade.

PIB, PIB potencial e hiato do produto
(Média de 2002=100 | Hiato do produto em % do potencial no eixo da direita)



Fonte: IPEA. Previsão e Elaboração: FIERGS/UEE.

Atividade industrial gaúcha caiu 0,2% em outubro

Nos últimos meses, a atividade estabilizou, interrompendo a alta volatilidade da recuperação em curso.

O Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS) caiu 0,2% em outubro, vindo de outra redução de 0,1% em setembro, na série com ajuste sazonal.

O índice mede o nível de atividade da indústria gaúcha levando em conta seis variáveis (faturamento real, compras industriais, horas trabalhadas na produção, utilização da capacidade instalada (UCI), emprego e massa salarial real), a partir dos dados levantados pela Pesquisa Indicadores Industriais do RS realizada pela FIERGS.

A abertura dos componentes revela um quadro melhor do que o sugerido pela queda do índice no mês, que foi influenciada pela redução das horas trabalhadas na produção (-1,5%). Os outros cresceram, com destaque para o faturamento real (+2,6%), as compras industriais (+1,8%) e a UCI (+1,1 p.p.), que atingiu 82,3%, o maior patamar desde outubro de 2013. No mercado de trabalho, o emprego (+0,2%) e a massa salarial real (+0,7%) também mostraram alta.

Apesar da quase estagnação na margem, o IDI/RS segue registrando avanços ante períodos iguais do ano passado: +5,6% em outubro e +2,9% no acumulado de janeiro a outubro. A alta acumulada no ano é sustentada, na ótica dos componentes, pelas compras industriais (+10,7%) e pelo faturamento real (+4,0%). Registraram avanços também a UCI (+1,7 p.p.) e o emprego (+0,9%). As horas trabalhadas na produção (-0,2%) ficaram praticamente estáveis e a massa salarial real (-2,6%) caiu.

Setorialmente, o desempenho da indústria gaúcha em 2018 se caracteriza pela assimetria. Dos dezessete pesquisados, dez mostraram expansão da atividade, mas somente cinco acima da média geral, 60% dela vinda de apenas: Veículos automotores (+17,5%). Destaques positivos também para a Metalurgia (+15,8%) e Produtos de metal (+3,5%). Além disso, três dos maiores setores do Estado, Couros e calçados (0,0%), Químicos e Refino de petróleo (-0,1%) e Móveis (-0,1%), ficaram estagnados em 2018, enquanto que Bebidas (-1,9%), Vestuário e acessórios (-6,7%) e Têxteis (-8,1%) foram as quedas mais importantes.

Os resultados dos Indicadores Industriais do RS mostraram que a atividade do setor praticamente estabilizou dos últimos dois meses, interrompendo a elevada volatilidade que caracteriza o processo de recuperação em curso. Vale lembrar que, em outubro, o setor ainda estava influenciado pela elevada incerteza com as eleições, sofrendo também os efeitos do aumento de custos derivados da greve dos caminhoneiros e da crise da Argentina, importante parceiro comercial.

O cenário de curto prazo, porém, é mais positivo. Com a dissipação da incerteza eleitoral, as pesquisas qualitativas em novembro mostraram um grande crescimento da confiança empresarial no Estado, o que pode gerar alguma reação da atividade industrial nos próximos meses.

Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul

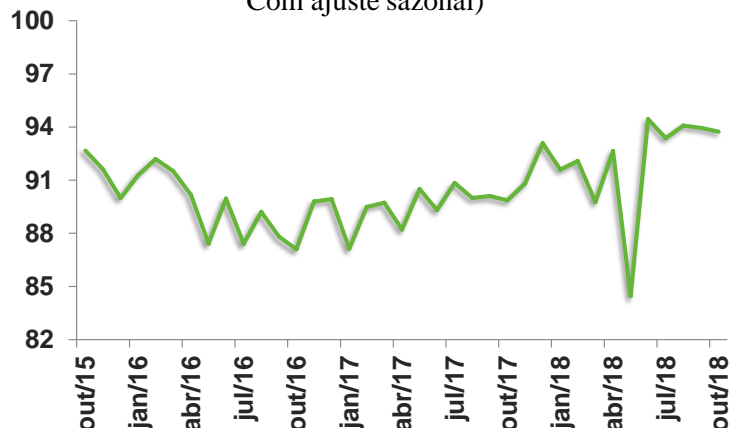
(Variações em % – outubro de 2018)

	Variação %		
	Mês*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	-0,2	5,6	2,9
Faturamento real	2,6	7,2	4,0
Horas Trabalhadas na produção	-1,5	2,2	-0,2
Emprego	0,2	1,0	0,9
Massa salarial real	0,7	-0,3	-2,6
UCI (em p.p.)	1,1	2,7	1,7
Compras Industriais	1,8	17,4	10,7

* Dessazonalizado

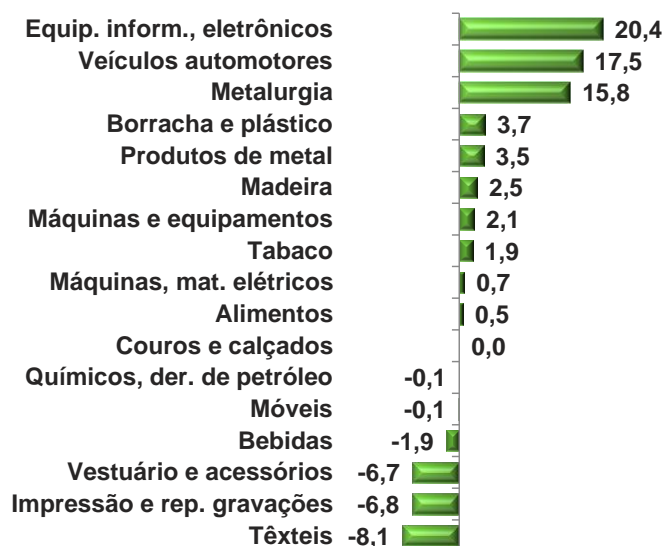
Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS

(Índice de base fixa mensal – Média 2006=100 – Com ajuste sazonal)



Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS – Setorial

(Variação jan-out 2018/jan-out 2017 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.